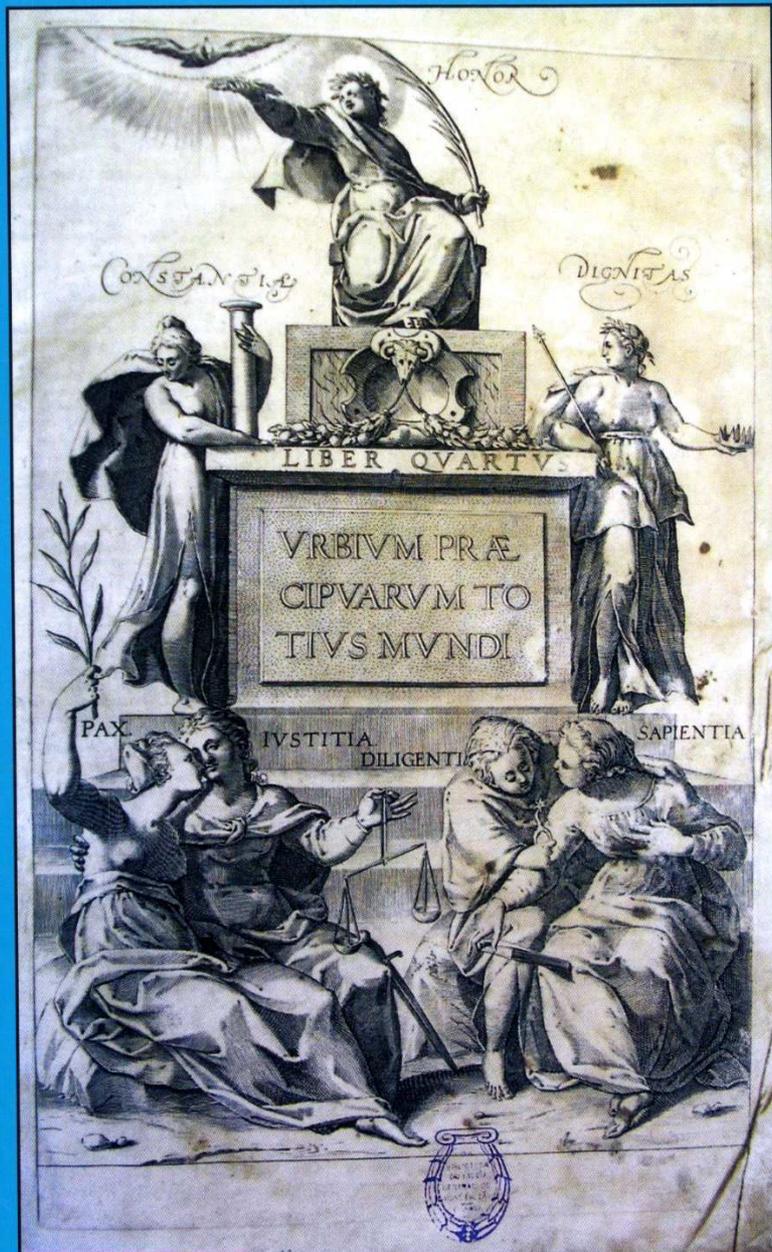


MUNDA



N.º 49 SETEMBRO 2006



REVISTA DO GRUPO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DO CENTRO

O OLHARAPO e as origens de um conto popular português

A. E. Maia do Amaral*

Ana de Castro Osório (1872 – 1935), a feminista, escritora e publicista que escreveu os primeiros livros infantis que tiveram público e eco em Portugal, é uma personalidade ainda pouco conhecida e, às vezes, pouco estimada. Muito injustamente, parece ser mais frequentemente lembrada por ter sido a “musa” nunca alcançada do poeta Camilo Pessanha do que pela sua obra própria. As histórias que recolheu da tradição oral, que reescreveu e que editou em Setúbal tiveram, no entanto, importância decisiva para gerações de crianças.

A. de Castro Osório publicou pela primeira vez *O Olharapo*¹ há mais de cem anos². A história é assim: Um estafeta que andava perdido tem a pouca sorte de se refugiar na caverna que serve de habitação e redil ao Olharapo, um gigante terrível que comia pessoas e tinha um só olho na testa, e acaba fechado na gruta, com o gigante a dormir, obstruindo a única en-

*Subdirector da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

¹ O texto-base de que nos servimos foi o corrigido (ligeiramente) pela autora e publicado postumamente no 2.º vol. das Histórias Maravilhosas da Tradição Popular / recolhidas e contadas por Ana de Castro Osório; capa e il. de Álvaro Duarte de Almeida; dir. gráf. de Henriques Costa. — Lisboa: Sociedade de expansão cultural, [1952 - D.L.1960]. — 3 vol.

² A história vem na 2.ª série dos Contos maravilhosos / Ana de Castro Osório; il. Leal da Câmara, Raquel Gameiro, Laura Nogueira, Alfredo Moraes e S. Dascher. — 1.ª ed. — Setúbal: [s.n., 189-?]. — (Col. Para as crianças). Sabendo que a primeira série é de 1897 e foi um sucesso, a segunda (das 18!) não poderá ser muito posterior.

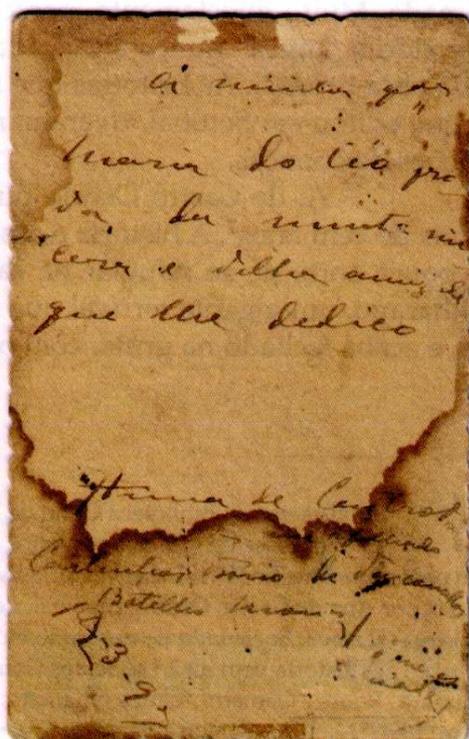


A sonoridade bizarra daquela frase "*Passa tu que de lane-és*", até por oposição ao português vernáculo de todo o resto da narrativa, sempre me intrigou e me quis parecer uma chave para descortinar a possível origem do conto. O facto de ela constituir precisamente o momento de mais alto valor dramático, o "clímax", de mais fácil memorização num processo de transmissão oral, justifica que possa ter mantido uma formalização mais arcaica. Qual ela possa ser é o que tentarei indagar adiante.

É fácil reconhecer aqui o episódio da gruta de Polifemo, que Homero trouxe para a literatura, com o Canto 9 da sua "Odisseia". Esta história, como também a de Circe, seriam, na opinião dos eruditos, *Weltmärchen*, con-

trada. Mas o viajante é homem decidido e, aproveitando o sono daquele, cega-lhe o único olho com um espeto em brasa. Urrando de dor, o Olharapo procura de todas as formas encontrar pelo tacto o seu malagradecido petisco, que escapa, coberto com uma pele de carneiro e misturando-se aos animais. Amanhecendo, o pobre cego vê-se obrigado a destapar a entrada da gruta para deixar ir ao pasto o seu rebanho, cuja saída vai fiscalizando como pode, às apalpadelas. Passando a mão enorme no lombo dos velozes animais, vai comandando:

– *Passa tu que de lane-és!*, mas sem lograr assim descobrir o seu agressor, que acaba por fugir e vai chamar muitos homens, que vêm armados de espingardas e acabam por matá-lo.



tos universais, anteriores e independentes do tema principal da "Odisseia". Com efeito, persistem no folclore ocidental cerca de 160 versões deste mito indo-europeu, tanto sob formas directamente filiáveis na "Odisseia" (incluindo os nomes de Polifemo ou de Odisseus/Ulisses), como em tradições "paralelas", recolhidas, desde Grimm a Frazer, pelos mais antigos e prestigiados folcloristas.

Estaremos aqui perante mais uma dessas versões originais, folclóricas? Ou perante um conto que Ana de Castro Osório traz directamente da literatura clássica? Ou perante outra coisa ainda?

Hoje já ninguém acredita na criação colectiva dos contos populares: eles são sempre criações individuais, tornadas anónimas por efeito de uma prolongada transmissão oral, não raro milenária. São susceptíveis de estudo não só o seu enredo nuclear (tipificação da intriga) como as alterações e adições. Nesta versão dos "Contos maravilhosos", o enredo será o tema homérico da gruta de Polifemo, a adição será, por exemplo, a história terminar com uma sortida mortal de homens armados de espingardas contra o gigante, no melhor estilo dos romances populares. A batida à fera é um fim típico da literatura de cordel, desde o século XVIII até ao início deste século, e o pormenor dos homens armados com espingardas fornece balizas cronológicas evidentes para este acrescento à história. De igual modo, a ocupação do protagonista, estafeta (funcionário dos correios), poderia ser objecto de considerações semelhantes, mas delas reteremos apenas que existem, neste texto, adições relativamente modernas em relação à intriga nuclear.

Com um pai bibliófilo, um marido poeta e uma biblioteca onde não faltavam os Grimm e os folcloristas alemães, não teria Ana de Castro Osório apenas adaptado para as crianças o episódio homérico?

A versão da autora não inclui o estratagema do nome "Utis"³ ("Ninguém"), indício seguro de origem homérica⁴, mas tem alguns pormenores que a aproximam da velha "Odisseia" (por exemplo, espeto endurecido no fogo, ciclope bebedor de vinho) e na fase em que ela já está perfeitamente assimilada pela cultura romana, quero dizer, na fase da desacralização dos semi-deuses gregos traduzida pela diminuição da sua estatura, das suas alfaias, dos seus animais: o protagonista já não tem de atar-se ao ventre de um carneiro de proporções quase bovinas, mas limita-se a ir de gatas com a pele de um animal (de tamanho quase normal) posta pelas costas.

³ Odisseus diz ao gigante que o seu nome é "Ninguém", antevendo um estratagema para afastar os vizinhos: quando ataca Polifemo, os vizinhos acodem e perguntam o que se passa; Polifemo responde-lhes "Ninguém me mata" e os vizinhos vão-se embora.

⁴ Segundo Tetsuo Nakatsukasa - Original Elements in Homer's Version of the Polyphemus Story in *Classical Studies / The Classical Society of Kyoto University*. Vol.7 (1990) Special issue: Homer (<http://www.bun.kyoto-u.ac.jp/~classics/CLST/clst7.html#nakatsukasa>).

Mas a hipótese da adaptação tem contra si vários argumentos: No título e em vários passos do Prefácio do próprio livro, diz-se expressamente que os contos são recolhidos da tradição oral. Além disso, a figura do Olharapo é conhecida exactamente na tradição da Beira Alta como um ciclope “da raça dos gigantes que têm um grande olho na testa e são considerados dos peores”, numa interessante coincidência com o local das primeiras recolhas etnográficas da autora, Mangualde. Finalmente, atendendo ao bom português que se reconhece a Ana de Castro Osório, aquela teoria não consegue justificar o fim do conto: com a sua estrutura linguística anómala, parece difícil atribuir a qualquer “contaminação” erudita a sentença do Polifemo-Olharapo. Tudo, pelo contrário, sugere uma progressiva actualização da história, ao sabor de sucessivas gerações de contadores-ouvintes.

Talvez um bom latinista, que eu não sou, conseguisse fazer deste intrigante “Passa tu que de lane-és!...” um razoável verso latino: Qualquer coisa (um futuro imperfeito em *-to?*) ... *quid⁵ lani es* ou *Pascere⁶. Quid lanum⁷ est* (Pasta! Este é lanudo), ou ainda *Pascere (quic)quid lani est* (Pasta, todo aquele que for lanudo), ou qualquer outra solução com o verbo “apascentar” (*pasco, pascis, pascere, pavi, pastum*); realmente não me ocorre nada de brilhante e o meu objectivo aqui não será propriamente especular em linguística clássica. O que me parece interessante na frase é a clara possibilidade da sua filiação no latim: seja nalguma história popular vinda do “sermo vulgaris” ou numa versão literária desconhecida (como a perdida tradução “escolar” *Odyssia - Odusiae fragmenta* - de Lívio Andrónico) que tivesse tido divulgação na Península, ainda na época romana. E, a este propósito, não valeria a pena lembrar a extensão e a importância da escolarização romana na época imperial?

O “Olharapo” é uma figura mitológica e uma palavra tipicamente portuguesa⁸, já notada como tal por José Leite de Vasconcelos⁹ e outros. Mas se a própria etimologia da palavra *Olharapo*, for a um tempo um nome descritivo (*oculum ruptu*, olho roto) e de origem latina e popular, talvez isso queira confirmar a sugestão que nos atrevemos a fazer aqui, como mais um contributo apenas para o estudo dessa importante e mal-amada escritora (e etnógrafa) Ana de Castro Osório.

⁵ “Quid” neutro (o animal).

⁶ Verbo depoente: *pascor, eris, pasci, pastus sum* (port. *pastar*).

⁷ *Laneus, a, um* (port. *de lâ, lanoso*).

⁸ Tão portuguesa que foi o nome escolhido para nomear as criaturas monstruosas que “assombraram” os espaços da Expo98.

⁹ Na Beira Alta: “Os olharapos são homens diferentes de nós, antropófagos, com um só olho no meio da testa, e que vivem num país distante” (Etnografia Portuguesa), também referidos no 3.º vol. das Religiões da Lusitânia, pp. 38 e 594.